

O cinema e a simulação da realidade



Alexandre Costa Lima

Vários cineastas importantes têm produzido, ultimamente, belos e instigantes filmes sobre o papel e a importância da simulação na sociedade da cultura de massas. Woody Allen, por exemplo, dedicou os seus últimos filmes aos temas da falsificação e da simulação e, especialmente, “Magia ao Luar”. Tornatore (“O Melhor Lance”), David Fincher e Cronenberg também rodaram boas películas sobre esse assunto.

Com a ajuda dos filósofos franceses Jean Baudrillard (“Cultura e Simulação”) e Alain Badiou (“Lógica dos Mundos”), podemos estabelecer alguns parâmetros teóricos para esse gênero. Mas o que será dissimular e qual a diferença para simular? Dissimular é fingir que não se tem o que se tem, (alguém que oculta interesses para manipular situações). Simular é fingir ter o que não se tem (o funcionário

que finge estar doente para faltar ao trabalho ou o sujeito que se diz apaixonado para obter os favores sexuais de alguém).

Baudrillard refere-se, de forma vaga, ao conto de Borges (talvez “Tlön, Uqbar, Orbis Tertius”), no qual os cartógrafos do Império traçam um mapa tão detalhado que chega a recobrir com toda exatidão o território, como se obedecessem ao plano de exibir um mundo que

coincidissemos perfeitamente com o mundo real.

Segundo Baudrillard, a simulação não corresponde ao território ou a qualquer outra referência, mas é a geração de algo “real” sem origem e sem realidade: o hiper real. Paradoxalmente, o mapa precede o território. Isso significa fazer coincidir o real, todo o real, com os seus modelos de simulação, como se uma máquina ideológica perfeita, impecável, oferecesse todos os signos do real e, em curto-circuito, todas as suas idiossincrasias: o real, então, nunca mais teria a oportunidade nem a necessidade de se reproduzir porque a simulação teria substituído a realidade.

David Fincher, no seu extraordinário “Garota Exemplar”, denuncia a ideologia sufocante da simulação. Trata-se da história de Amy (Rosemund Pink), uma linda jovem loira que encarna todos os padrões do sonho americano: estudou em Harvard, sua vida magnífica inspirou uma série bestsellers edificantes escritos por seus próprios pais, é reconhecida pelos fãs nas ruas, está casada com Nick, um galã (Ben Affleck) que a trai com as alunas; enfim, ela é o próprio sonho americano realizado. Acontece que no dia do aniversário de casamento, ela desaparece sem deixar vestígios e a polícia passa a presumir o seu assassinato e a desconfiar de Nick. A história evolui, assim, até que acontecem algumas surpresas. E, se há alguma verdade a descobrir e algum crime a punir, o hiper realismo da simulação traduzir-se-á na alu-

cinante semelhança do simulado com o real mesmo.

Segundo Baudrillard, a simulação parte do princípio da equivalência ou do signo como reversão e da eliminação de toda referência. Por isso, é impossível simular roubar um banco: se ao entrar no banco, você usar os mesmos gestos e os mesmos signos característicos do roubo (equivalência), a segurança não teria como diferenciar a simulação da realidade (reversão/eliminação) e dispararia as suas armas, enquanto uma cliente idosa poderia ter um ataque cardíaco pelo susto e morrer no local. Pronto! A sua simulação de roubo estaria agora inextrincavelmente mesclada aos elementos reais!

No filme de Fincher, após todas as revelações imprevisíveis da trama, não será mais possível provar a verdade, porque a rede de signos artificiais da simulação mesclou-se, inextrincavelmente, aos elementos reais. O verossímil tornou-se verdadeiro! A polícia, mesmo conhecendo a verdade, nada pode provar porque o simulado foi inercialmente absorvido pelo senso comum. A simulação substituiu a realidade!

“Mapa das Estrelas” é uma película do canadense David Cronenberg, mostrando que os limites entre a fantasia e a realidade inexistem na vida das “celebridades” de Hollywood. Na trama, Havana Segrand (Julianne Moore) é uma atriz fracassada que luta para estrelar um filme sobre sua falecida mãe, uma atriz famosa; Benjie Weiss (Evan Bird) é um ator adolescente e astro de séries de TV

extremamente arrogante, mesmo estando em acelerada decadência. Seu pai é Stafford Weiss (John Cusack), um suposto psicoterapeuta e astro de programas de autoajuda na TV. Todos moram em mansões e são infelizes. Temos ainda Agatha Weiss (Mia Wasikowska), uma jovem que sobreviveu a um incêndio e possui cicatrizes pelo corpo todo. Ela sai da prisão-hospício onde estava internada e volta a Los Angeles para tentar reatar seus laços familiares.

O filme é muito duro na medida em que expõe as neuroses e o intenso sofrimento dos personagens, sob a capa do sucesso midiático. Cada um realiza a sua simulação de um modo distinto! Cada um oculta a si mesmo o vazio de sua vida e adota a fantasia como antídoto. O resultado é o desastre!

Ao analisar a lógica dos mundos, Badiou pensa que toda situação admite, por um lado, multiplicidades consistentes e inconsistentes e, por outro, uma intenção falida de controle total da situação de nossa parte. Essa falha depara-se com pequenas anomalias, chamadas “acontecimentos”, ou eventos que desajustam o conjunto de regras fixadas. O acontecimento seria o indício excepcional da inconsistência da situação e mostra o vazio. Assim, a vida dos personagens de Cronenberg é assombrada por acontecimentos que revelam o nada de suas vidas. Dissolvida a simulação, a saída para desespero existencial será o homicídio, o suicídio e a catatonia! Um filme extraordinário! ■

